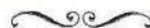


Onde vá, todo ser caminha lado a lado
Da luz cantando sempre o amor profundo e ardente
Ou da sombra transfeita em pavoroso mito;

A deixar cada dia o crisol do passado,
Vai e vem, a sofrer, no esmeril do presente,
Para estampar-se, enfim, nos troféus do Infinito!



blicação do *Jornal do Commercio*, pág. 5). (Teresina, Piauí, 2 de Agosto de 1879 — Rio de Janeiro, Gb, 6 de Dezembro de 1935.)

BIBLIOGRAFIA: Amores Alvos; Poesias; Lírios Brancos; Descendo a Montanha; etc.

CIRO COSTA *



FASCINAÇÃO

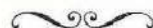
Atravessara, aflito, os umbrais do outro mundo
E, ao erguer-se da lousa, exânime, febreiro
No sepulcro imagina o suntuoso aposento
Onde, a sós, afagava o tesouro infecundo.

— “Meu dinheiro!” — reclama, exasperado e atento.
6 — “Ouro! Meu ouro só! Por nada me confundo!
Ladrões! Quem me furtou?” — esbraveja iracundo,
Em largo desafio aos sarcasmos do vento.

(*) Depois de formar-se em Direito pela Faculdade de S. Paulo, o artista de «Pai João» viajou pela Europa e pelo Oriente, chegando a visitar a Índia e o Egito. Residiu por algum tempo no Rio de Janeiro. Juntamente com Olavo Bilac, Martins Fontes e outros intelectuais, fundou a «Sociedade dos Homens de Letras do Brasil». Colaborou nas revistas paulistas da época, dentre elas *A Cigarra* e *A Vida Moderna*. Eleito para a Academia Paulista de Letras, não chegou a tomar posse. «Ciro Costa era uma irradiação larga, amplíssima de talento e de simpa-

- 9 Ouve o silêncio em torno e ruge: — “Agora, agora!”
10 Achei meu cofre! Achei!...” — gargalha, grita, chora,
Na homérica ilusão que ele mesmo proclama...

- Inclina-se. Algo colhe e, em delírio perfeito,
13 Investe contra a sombra e aperta contra o peito
Velha tampa de esquife empastada de lama.



tia» — afirma Marques da Cruz na **Revista da Academia Paulista de Letras**, nº 25, pág. 169. «Epígono da geração acadêmica do Romantismo», fundamentalmente um romântico, ele viveu, porém, a vida da sua época. «Foi parnasiano e simbolista» — escreve Marques da Cruz, concluindo. (Limeira, Est. de S. Paulo, 18 de Março de 1879 — Rio de Janeiro, Gb, 22 de Junho de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: Estelário; Terra Prometida.

6. Epímone. — Cf. nota 2, pág. 36.
9. Ricochete: “... — Agora, agora!”
10. “Achei meu cofre! Achei!...”: Mesarquia. Cf. nota 7, pág. 42. Observe-se, ainda, a adequação dos verbos a exprimir uma gradação ascendente.
13. Cf. nota nº 6 deste capítulo.

GALBA DE PAIVA *



DESERTOR

Silêncio... Inércia... Morte... O fim de tudo...
Era o estranho ideal que acalentara
Quando vivi qual cego, surdo, mudo,
Ou sonâmbulo em crise longa e rara.

- 5 Covarde e tresloucado, em transe agudo,
De súbito fugi à vida amara
E marchei, constrangido, para o estudo
8 Do enigma que, em vão, me acabrunhara.

(*) Poeta distinto, jornalista, conferencista e crítico literário. Depois de cursar o Liceu Alagoano, de Maceió, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tendo sido o orador da turma de 1915. Exerceu várias funções públicas na administração e na magistratura do Rio Grande do Sul. Colaborou em diversos jornais e revistas, dentre outros o **Diário do Interior**, de Santa Maria, **Última Hora**, de Porto Alegre, **Fon-Fon!** e **Leitura Para Todos**, do Rio de Janeiro. Na revista